

AFETIVIDADE NO CONTEXTO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: RELEVÂNCIA PARA OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

Beatriz Lopes de Azevedo¹
Elisângela Maria de Oliveira²
Lúcia Maria Caraúbas³

RESUMO

O presente artigo visa analisar como a afetividade influencia o processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental e na relação da dinâmica entre professores e aluno(s), na visão das professoras. O suporte teórico deste estudo está alicerçado em Piaget (1977), Vygotsky (1998 e 1989), Wallon (2007), Dantas (1992), Oliveira (1992), Rego (1995) dentre outros. Para realização deste estudo foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa com base em observação e entrevistas semiestruturadas em uma escola da rede municipal de Recife. Os resultados sugerem que as relações afetivas entre as professoras e as crianças, devem ser consideradas como base para o desenvolvimento integral da criança e que estudar a afetividade implica construir outro olhar sobre a prática pedagógica, não limitando o processo de ensino-aprendizagem apenas à dimensão cognitiva.

Palavras-chave:

Afetividade. Aprendizagem. Interação Professor-Aluno. Prática Pedagógica.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. [...] O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. [...] A cabeça não pensa aquilo que o coração não pede”.

Rubem Alves

Durante um longo período, a visão dualista proposta por Descartes, dividiu o homem em duas partes distintas: o corpo e a mente. Com esta divisão que permaneceu por muito tempo, testemunhamos o aspecto racional ganhar maior

¹ Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. beatriz_lopess2@hotmail.com

² Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. elisangelaoliveira.tpa@gmail.com

³ Professora do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais – Centro de Educação – UFPE. lmcaraubas@gmail.com

destaque em detrimento do aspecto emocional, este, muitas vezes entendido como o lado sombrio da natureza humana, e dessa forma, seria então função da razão controlar a emoção.

Estudos no campo da neurologia, da psicologia, da antropologia e da sociologia vêm sendo realizados desde o final dos anos 1990 até hoje, questionando essa dicotomia mente e corpo e propondo um novo olhar. Como por exemplo, Damásio (1996) que enfatiza a importância das emoções nos processos de raciocínio e tomada de decisões.

Inspirado por Espinosa, filósofo do século XVII e contrapondo-se a abordagem dualista, que não considera a separação entre razão e emoção, entre corpo e mente sugerida por Descartes, Vygotsky já se preocupava em superar essa tradição dualista razão versus emoção, para compreender o ser psicológico de forma completa, com seus aspectos cognitivo e afetivo de modo integrado. Para ele, o pensamento humano só é possível ser compreendido quando compreendermos sua base afetivo-volitiva (OLIVEIRA, 1992 e REGO, 1995). Já para Wallon (2007) há uma união entre o corpo e o meio social, ou seja, o mundo é inseparável do sujeito, mas, por sua vez, este sujeito é um projeto do mundo. Foi a partir destes pontos observados que surgiu a pergunta norteadora desse estudo que é “de que maneira a relação professor-aluno pode afetar o processo de aprendizagem dos alunos?”. Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar como a afetividade influencia o processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental e na relação da dinâmica entre professor e aluno(s) na visão das professoras. Complementados pelos seguintes objetivos específicos: compreender as implicações da afetividade no processo de aprendizagem do aluno; identificar como o afeto entre professor e aluno se evidencia na sala de aula e analisar a compreensão do professor quanto ao papel da afetividade nesse processo.

As intenções deste estudo foram motivadas a partir das aulas de Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP's) no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. Durante as aulas nos deparamos com discussões acerca da importância da interação entre professor e aluno. Como também durante as práticas nas turmas dos anos iniciais do ensino fundamental observamos que as crianças tidas como “indisciplinadas” mostravam-se, muitas vezes, mais interessadas nas regências dos estagiários do que das professoras. Acreditamos que, talvez, esta

diferença de comportamento e interesse, provavelmente, acontecia pela novidade, atenção e pela forma afetiva com que eram tratadas pelos estagiários durante as regências. Este fato despertou o interesse sobre o tema da afetividade no contexto dos anos iniciais do ensino fundamental e sua relevância para os processos de aprendizagem.

2. MARCO TEÓRICO

2.1 A afetividade na perspectiva de Vygotsky, Wallon e Piaget

A rotina escolar é cercada por experiências diversas, que desencadeiam as mais variadas emoções e sentimentos que, muitas vezes, interferem no processo de ensino-aprendizagem. As experiências vivenciadas, tanto individualmente quanto em grupo, contribuem na construção da individualidade de cada uma das crianças. Nessa perspectiva, o professor representa uma importante influência sobre seus alunos, já que é o mediador da relação que se estabelecerá entre o aluno e o conteúdo a ser aprendido. Neste sentido, acreditamos que o desempenho escolar dos estudantes está cercado por aspectos que envolvem tanto a sua vida como as suas relações com colegas, professores, funcionários da escola e familiares, estando presente nesta ótica suas motivações e emoções.

Considerando-se a importância dos sentimentos e emoções, Vygotsky e Wallon são importantes autores que pesquisaram o tema.

Segundo Vygotsky (1989), as emoções são identificadas por motivações que influenciam e organizam nossos comportamentos e nossas ações. As emoções são compreendidas como integradas a personalidade. Assim, as mesmas fazem parte de um processo histórico complexo que envolve as relações estabelecidas.

Para ele as emoções são construídas culturalmente. Assim as reações e os sentimentos desencadeados em uma situação, mas em sociedades culturalmente diferentes, podem ser distintas. Além do que, cada indivíduo possui peculiaridades, que influenciará constituição de sua personalidade, que é entendida por Vygotsky como um sistema complexo integrador da vida psíquica individual e vai de acordo com o sentido que as experiências têm para o sujeito. Rego (1995) sugere que através do modelo vygotskyano

[...] é possível concluir que as funções psíquicas humanas estão intimamente vinculadas ao aprendizado, à apropriação (por intermédio da linguagem) do legado cultural de seu grupo. Esse patrimônio, material e simbólico, é o conjunto de valores, conhecimentos, sistemas de representação, construtos materiais, técnicas, formas de pensar e de se comportar que os seres humanos constroem ao longo de sua história. E isto implica uma ação partilhada, já que é por intermédio dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas. O longo caminho do desenvolvimento humano segue, portanto, do social para o individual. (p.32)

Nesta perspectiva, Vygostky apud Arantes (2003) afirma que:

[...] só se pode compreender adequadamente o pensamento humano, quando se compreende a sua base afetiva. Quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo. A vida emocional está conectada a outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de um modo geral (p.18-19).

Wallon (2007) diferencia o conceito de afetividade do conceito de emoção. Segundo ele, as emoções são sistemas de atitudes que corresponde, cada uma, a uma determinada espécie de situação, ou seja, são exteriorizações de estados subjetivos, de caráter orgânico, e classificadas de acordo com o grau de tensão referente à experiência vivida.

Ela apresenta três propriedades: a plasticidade, que é a capacidade de refletir sobre o corpo os seus sinais; a contagiosidade, capacidade de contaminar o outro com sua emoção; e a regressividade, que é a capacidade regredir as atividades ao raciocínio. Já a afetividade, para ele, se refere à capacidade do sujeito de ser afetado pelo mundo, tanto externo quanto o interno, podendo vivenciar situações consideradas agradáveis ou desagradáveis e reagindo às mesmas de determinada maneira. A afetividade é um conjunto de manifestações mais amplas, integrada pelas emoções, que possui origem biológica, pelo sentimento, que possui origem psicológica, e pela paixão.

Na medida em que o indivíduo vai se desenvolvendo e se relacionando com os demais, ocorrem novas exigências afetivas, a afetividade vai ampliando as formas de expressão e vai ganhando complexidade. Irá se constituir mais tarde no desenvolvimento, envolvendo as vivências mais complexas, fazendo assim, apropriação dos processos simbólicos da cultura, que possibilitam a representação.

Wallon (2007) expõe a indissociabilidade entre o desenvolvimento psíquico e o desenvolvimento biológico do homem, para ele ambos sofrem ações recíprocas, ou seja, o ser humano age sobre o meio assim como o meio age sobre ele.

Wallon (1968 apud MAHONEY 2000) acredita que o processo de aprendizagem é enriquecido quando o professor consegue integrar a dimensão cognitiva, afetiva e motora. Para ele:

[...] o motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo. Uma das consequências dessa interpretação é de que qualquer atividade humana sempre interfere em todos eles. Qualquer atividade motora tem ressonâncias afetivas e cognitivas; toda disposição afetiva tem ressonâncias motoras e cognitivas; toda operação mental tem ressonâncias afetivas e motoras. E todas essas ressonâncias têm um impacto no quarto conjunto: a pessoa. (p. 15).

Nesta perspectiva, Wallon ressalta a importância desses três aspectos, que estão totalmente interligados, enfatizando que a questão afetiva irá causar impactos em todos os âmbitos de formação do eu do aluno. Sendo assim, é de grande importância que todas essas áreas sejam tratadas de forma conjunta no processo de formação da criança.

Assim se o comportamento do aluno em sala de aula é afetado pelas atitudes que o professor tem para com ele, mais próximo o educador estará de seus alunos, tornando a aula mais significativa, pois o educador passa a trazer propostas de atividades mais apropriadas ao interesse da turma.

Uma prática pedagógica alicerçada na afetividade permite estabelecer um clima de confiança e respeito entre o professor e o aluno. Este vínculo é uma fonte de motivação no processo de ensino e aprendizagem, no qual fortalece o desenvolvimento cognitivo da criança.

Desse modo, podemos dizer que a afetividade e a cognição fazem parte da constituição do sujeito. Os vínculos afetivos atuam como instrumentos que permitirão a aprendizagem intelectual significativa do aluno, fortalecendo o processo de aquisição do conhecimento.

Piaget (1977), afirma a vida afetiva e a vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. Elas caminham juntas no processo de formação. Afetividade é importante para a aprendizagem cognitiva dos alunos, pois é pela via afetiva que a aprendizagem se realiza. Para este autor, não existem estados afetivos sem

elementos cognitivos. Considera a afetividade como a fonte de energia que a cognição utiliza para seu desenvolvimento.

Com a influência dos estudos de autores como Wallon (2007), Piaget (1977), Vygostky (1989 e 1998) dentre outros, passou-se a direcionar o olhar para a questão afetiva no ambiente escolar. Pois, é por meio da afetividade que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades. Segundo Wallon apud Mahoney e Almeida (2005) a afetividade,

Refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis. Ser afetado é reagir com atividades interna/externas que a situação desperta (p.19).

Em sendo a educação pautada no processo de racionalização e disciplinação do aluno, as questões afetivas pouco são levadas em conta, logo, o estudante não pode demonstrar seus sentimentos e suas emoções em sala de aula. Apesar das mudanças que aconteceram ao longo das últimas décadas, muitos educadores ainda não sabem como trabalhar a afetividade no ambiente escolar.

Os professores apontam que sentimentos e atitudes como a indisciplina, o medo, a raiva, a tristeza, a decepção e a vergonha são fatores que dificultam a construção de uma relação afetiva sólida. Por não saber lidar com essas questões, muitos educadores optam por fingir que esses sentimentos não existem, alegando que neste ambiente deve ser trabalhado apenas o conteúdo, deixando a dimensão afetiva para a família.

2.2 A afetividade e as emoções

Sabendo que as emoções e a afetividade afetam o processo educacional, é importante conhecer a diferença entre emoção e afetividade. Normalmente, as pessoas tendem a tratar a afetividade e a emoção como palavras sinônimas, mas Wallon (2007) estabelece uma distinção entre elas. As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações. Segundo Dalgalarondo (2000):

[...] as emoções podem ser definidas como reações afetivas agudas, momentâneas, desencadeadas por estímulos significativos. Assim, a emoção é um estado afetivo intenso, de curta duração, originado geralmente como uma reação do indivíduo a certas excitações internas ou externas, conscientes ou inconscientes. (p. 100)

As emoções possuem atributos e características que as distinguem de outras manifestações da afetividade. São sempre acompanhadas de alterações orgânicas e responsáveis por provocar alterações na expressão facial, na forma como são executados os gestos e na postura.

No bebê, os estados afetivos são vividos como sensações corporais, e expressos sob a forma de emoções. Na medida em que a criança cresce e se desenvolve, a afetividade torna-se independente dos fatores corporais, e entra no mundo simbólico e vai avançando no seu processo de formação.

Para Piaget (1980) a afetividade não se restringe somente as emoções e sentimentos, engloba também as tendências e as vontades da criança. A afetividade assim como toda conduta visa à adaptação, pois o desequilíbrio reflete em uma impressão afetiva particular e a consciência de uma necessidade. A afetividade trabalha no funcionamento do pensamento, mas não cria novas estruturas. A energia da conduta está ligada a afetividade, enquanto as estruturas estão ligadas com as funções cognitivas. Segundo o autor, a distinção entre estrutura e energética mostra bem que inteligência e afetividade são constantemente indissociáveis na conduta concreta do indivíduo. Não existe estrutura cognitiva sem a afetividade.

Almeida (1999) contribui com essa perspectiva afirmando que:

A compreensão da reciprocidade entre afetividade e inteligência é a mola propulsora para uma discussão proveitosa acerca das relações afetivas na sala de aula. Não basta aceitar a afetividade com um aparato das relações com o conhecimento. É necessário entendê-la como uma companheira fiel da inteligência; afirmar sua ausência é desconhecer a relação afetividade-inteligência no desenvolvimento humano (p. 16).

Neste sentido, notamos que a afetividade e a inteligência devem ser vistas como parceiras no processo de aprendizagem da criança. Quando tratadas separadamente, no ambiente escolar tendemos a enfatizar apenas a inteligência, deixando de conhecer e perceber o sujeito como todo e tratando a educação num contexto apenas de racionalidade.

2.3 A afetividade e processo de ensino e aprendizagem

Quando o docente deixa de ter o papel exclusivo de agente socializador de informações e conhecimento, para atuar como mediador na dinâmica das relações interpessoais e, principalmente, passa a ter a responsabilidade de conhecer seus alunos e seu grupo, de forma, a saber, como e quando promover avanços no desenvolvimento deles. Segundo Wallon (apud Galvão 1995):

[...] O exercício de reflexão e avaliação que o professor faça das situações de dificuldade, buscando compreender seus motivos e identificar suas próprias reações (se ficou irritado, assustado ou indiferente) já é, por si só, um fator que tende a provocar a redução da atmosfera emocional. Afinal, a atividade intelectual voltada para a compreensão das causas de uma emoção reduz seus efeitos. Atuando no plano das condutas voluntárias e racionais, o professor tem mais condições de enxergar as situações com mais objetividade, e então agir de forma mais adequada (p.113-114).

Assim, entonação da voz, postura, altura, somada aos gestos e expressões faciais influenciam diretamente a resposta dos alunos no processo de aprendizagens. O professor deve ter o hábito de refletir sobre suas práticas, buscando sempre compreender os sentimentos e emoções presentes no momento da aula. Se o professor consegue estabelecer laços com seus alunos, ele está criando um ambiente com um clima favorável para a aprendizagem, um ambiente que proporciona segurança. Isto pode evitar bloqueios afetivos e cognitivos estimulando a socialização do aluno com o grupo da classe e da escola. Para Vygotsky (apud Lopes 2009):

[...] a sala de aula é, sem dúvida, um dos espaços mais oportunos para a construção de ações partilhadas entre os sujeitos. A mediação é, portanto, um elo que se realiza numa interação constante no processo ensino aprendizagem. Pode-se dizer também que o ato de educar é nutrido pelas relações estabelecidas entre professor-aluno (p.6).

O professor em sala não tem o papel de apenas transmitir o conhecimento, mas também de mediar diferentes situações que possam ocorrer, como por exemplo, os conflitos, que exercem um importante papel na personalidade da criança e o professor que em sala será o mediador desses conflitos, tem um papel importante, pois essa relação é um fator fundamental na formação do eu do aluno. Para Arantes (2003), os sentimentos exercem papel funcional na organização do pensamento. A autora contata numa pesquisa que:

[...] a afetividade influencia de maneira significativa a forma com que os seres humanos resolvem os conflitos de natureza moral. Indicou também que as estações emocionais influenciam nossos pensamentos e nossas ações, tanto quanto nossas capacidades cognitivas. (p. 123).

O educador ao refletir sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal dos alunos, deve partir daquilo que eles trazem, desafiando-os e apoiando-os na ampliação da construção de novos conhecimentos e habilidades, estimulando-os no desenvolvimento de processos internos que possibilitem a aprendizagem. De acordo com Bock (1989) Vygotsky

[...] construiu o conceito de zona de desenvolvimento proximal, referindo-se às potencialidades da criança que podem ser desenvolvidas a partir do ensino sistemático. A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas pela criança, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pela solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros. Este conceito é importante porque nos possibilita delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento. Além disso, permite ao professor olhar seu educando de outra perspectiva, bem como o trabalho conjunto entre colegas. (p. 126).

O professor deve praticar o exercício da observação, sempre atento não só as questões comportamentais, mas também em relação às dificuldades que encontram na assimilação dos conteúdos. Libâneo (1994) traz contribuições nessa perspectiva, destacando alguns aspectos importantes sobre o posicionamento docente frente às realidades do mundo contemporâneo, como: assumir o ensino com mediação, adotar práticas interdisciplinares, conhecer estratégias de ensinar a pensar e ensinar a aprender; mediar os alunos a buscarem uma perspectiva crítica dos conteúdos, desenvolver um processo comunicacional e integrar ao exercício da docência a dimensão afetiva.

O autor ressalta, ainda, a importância de o professor estar sempre atento às especificidades do aluno e apto para agir de forma a suprir as dificuldades. Para Libâneo (1994), o trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos revelam como eles reagem à atuação do professor e às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos, contribuindo para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades.

Assim, o docente poderá agir com o aluno de forma a estimular a superação dessas dificuldades atuando de forma significativa, proporcionando um melhor desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Para Leite e Tassoni, (2004, p. 125):

“[...] é pela somatória das diversas formas de atuação, durante as atividades pedagógicas, que a professora vai qualificando a relação que se estabelece entre o aluno e os diversos objetos de conhecimento”. É no trabalho cotidiano que o professor vai descobrindo a melhor forma que o aluno aprende.

Assim entendemos que quando Wallon, Piaget e Vygostky ressaltam a importância da afetividade eles nos fazem perceber que quanto mais o processo educacional da criança seguir essas bases, mais ela irá progredir.

2.4 A afetividade e o trabalho docente

Para que o trabalho docente aconteça, é necessário que se estabeleça um vínculo afetivo entre o educador e o educando. Quando esse vínculo educacional não acontece, a relação é fragilizada e em muitos casos, compromete a aprendizagem. É importante que o professor seja sensível e busque estabelecer alternativas diversas, com o propósito de estabelecer esse vínculo com os estudantes. Dessa forma, a aprendizagem educacional irá acontecer por vias afetivas tornando-se assim um momento prazeroso e feliz tanto para os professores quanto para os alunos.

Freire (1987) diz que a relação pedagógica perpassa pela afetividade, pela amorosidade e pela dialogicidade, oportunizando o desenvolvimento de uma educação como prática de liberdade e de humanização. Para ele essas três dimensões humanas aparecem interligadas, uma vez que não é possível exercer a docência, de forma autêntica e comprometida, sem vivenciar o afeto pelos educandos e pelo mundo.

Essa maneira de compreender o ato de educar, concebendo ensinar e aprender não como mera aquisição de um conjunto de saberes e de práticas, mas como uma possibilidade de conhecer e superar visões ingênuas e fragmentadas, ampliando a capacidade de leitura crítica do mundo em interação com as distintas visões dos outros, exige compromisso: com a cultura, com mundo e com os educandos.

Freire (1996, p. 159) diz que é:

[...] preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no

trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade.

Ele entende que uma relação amorosa e dialógica ajuda a construir um espaço propício à aprendizagem, sem cair nem na permissividade, nem no autoritarismo. Este espaço deve ser resultado do equilíbrio entre autoridade e liberdade, e implica, necessariamente, o respeito de uma pela outra. Para Freire (1996) relações justas e generosas geram um clima em que a autoridade do professor e a liberdade do aluno se assumem em sua eticidade.

A experiência educacional que o estudante tem é diretamente afetada pela postura que o educador tem dentro da sala de aula. Quando ele é consciente de suas funções no exercício de sua profissão, organiza seu trabalho de forma que o desenvolvimento das capacidades individuais aconteça positivamente.

Para promover uma educação significativa, libertadora e autônoma, deve-se oportunizar momentos e vivências em que as crianças possam expressar suas emoções, impressões, sentimentos e percepções sobre várias temáticas. É importante conhecer o que os alunos pensam, para que as adaptações sejam feitas no planejamento escolar e nas práticas pedagógicas, de acordo com as necessidades dos estudantes.

Além de ter um olhar empático para as particularidades de sua turma, o professor também precisa ter uma escuta sensível para que assim possa ajudar os alunos no processo de construção do seu conhecimento. As relações entre professor-aluno são permeadas por crenças, conflitos e padrões de comportamento que tendem a influenciar a vida educacional e pessoal do estudante. A convivência nem sempre se dá de forma positiva, pois às vezes os interesses não são os mesmos, gerando assim uma quebra de expectativa.

Cada indivíduo traz consigo características, peculiaridades e individualidades que vão sendo compartilhadas no ambiente escolar. É através das relações que o estudante estabelece em seu círculo social e nas interações do cotidiano da sala de aula que os seus conhecimentos podem ser ampliados, refutados ou reafirmados.

Quando os laços afetivos são criados, mesmo que os interesses sejam diferentes, é possível que o docente se aproxime dos seus alunos. Dessa forma, a aprendizagem educacional irá acontecer por vias afetivas, tornando-se um momento

prazeroso, tanto para o estudante quanto para o educador. Nesta perspectiva Leite e Tassoni (2002), trazem que:

As relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto do conhecimento, como também afetam a sua auto-imagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões. (p.136)

O que nos faz concluir que as bases afetivas promovidas no ambiente escolar funcionam como uma ponte para o conhecimento. Quando a relação professor-aluno se dá de forma positiva, a aprendizagem acontece, transformando o processo de desenvolvimento cognitivo e pessoal do estudante em um momento rico.

3. METODOLOGIA

Para a realização deste estudo que teve como objetivo investigar como a afetividade influencia o processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental foi utilizada uma abordagem qualitativa, por esta atender aos objetivos deste estudo, uma vez que busca analisar, segundo Minayo (2002), aspectos subjetivos de situações problema tais como: percepções, sentimentos e emoções que não podem ser analisados pela abordagem quantitativa. Para ela,

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos, e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p.21-22).

A coleta de dados foi realizada em três turmas do segundo ano de uma escola da Rede Municipal do Recife situada numa comunidade periférica da 5ª Região Político-Administrativa (RPA 5). No entorno da escola campo da pesquisa foi observado problemas, como o esgoto a céu aberto, falta de iluminação e um precário atendimento de transporte público na comunidade dentre outros. Esta escola funciona desde 2010 e conta com 15 salas de aula todas climatizadas, possui

uma sala de recursos para atendimento educacional especializado (AEE), biblioteca, sala de tecnologia, refeitório, cozinha, almoxarifado e uma quadra coberta.

O quadro de professores totaliza 32, todos graduados no ensino superior e a maioria com pós-graduação.

Quanto aos procedimentos de coleta de dados, a pesquisa foi dividida em dois momentos: num primeiro momento foi feita quatro sessões de observação na escola. Lüdke e André (1986), apontam que as sessões de observação possibilitam manter um contato pessoal entre o pesquisador e o objeto de investigação, possibilitando assim um acompanhamento das experiências do dia a dia dos sujeitos.

Os registros das observações foram feitos em um diário de campo. Escolhemos o diário de campo, por que segundo Bogdan e Biklen (1994), ele permite relatar as situações que presenciamos na sala e em outros espaços da escola, bem como as nossas impressões sobre os acontecimentos no decorrer das mesmas. No roteiro de observação buscamos compreender como se dava a relação entre a professora e os alunos na dinâmica da sala de aula e de que forma a dimensão afetiva era trabalhada entre os alunos.

Em um segundo momento foi realizado entrevista semiestruturada com três professoras. A escolha por esse tipo de entrevista se deu por permitir emergir, segundo Manzini (1990/1991), informações de forma mais livre e não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. Estas aconteceram de forma individual com perguntas abertas onde as professoras tiveram total liberdade para apresentar as suas opiniões. Das professoras entrevistadas duas autorizaram a gravação do áudio pelo celular para posterior transcrição. A terceira professora autorizou apenas o registro escrito de suas respostas.

Durante as entrevistas com as professoras fizemos sondagem inicial para conhecer o perfil delas, inicialmente, sobre alguns aspectos relacionados à formação das professoras e seu tempo de trabalho na Rede Municipal e em seguida perguntamos sobre: a relação da afetividade com o processo de ensino aprendizagem; a influência do afeto na relação professor aluno; as dificuldades encontradas para adotar metodologias afetivas; se se sente preparada para lidar com as emoções na sala de aula; como é a sua relação com os alunos e como lida com as dificuldades afetivas dos alunos.

Por fim, fizemos uma análise interpretativa dos dados, a partir de categorização, apoiados na análise de conteúdo de Bardin (1977) onde as informações coletadas foram agrupadas por diferentes categorias classificadas com base nos aspectos que cada dado possuía em comum, as categorias foram: Concepções que as mesmas trazem a respeito da afetividade; reconhecimento da importância da afetividade no processo de aprendizagem e as principais dificuldades que o educador encontra para adotar postura e metodologias afetivas. Cada categoria definida foi pertinente para que os dados fossem classificados de forma consistentes e levando sempre em consideração a problemática da pesquisa, os objetivos e a fundamentação teórica.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir serão retratados dados das análises que foram feitas a partir das observações e entrevistas realizadas com as professoras buscando com base nos relatos evidenciar as perspectivas significativas que buscam contribuir com a relação da afetividade e aprendizagem.

A coleta de dados na escola ocorreu entre 20 de março e 23 de abril, em dias alternados e períodos integrais, a observação ocorreu desde a recepção das crianças até o término das atividades, possibilitando um contato pessoal e mais ou menos estreito das pesquisadoras com os sujeitos da pesquisa, permitindo reflexões sobre o objeto de estudo. Elaboramos um roteiro de observação considerando os seguintes aspectos: a postura das professoras com os alunos, a ação espontânea das crianças nas atividades propostas pelas professoras; a organização dos ambientes; o planejamento das atividades; a disponibilidade de objetos; a reação das professoras diante das posturas emocionais das crianças e a promoção de atividades e momentos para que haja maior interação entre adulto-criança e criança-criança.

Na sequência apresentaremos aspectos significativos que a análise dos dados evidenciou, a saber: a importância da relação afetiva entre o professor e o aluno no processo do aprender; a compreensão do professor quanto ao papel da afetividade nesse processo; como é evidenciado o afeto entre professor e aluno na

sala de aula. Na descrição das respostas as professoras que constituíram a amostra foram identificadas como: Profa. 1, Profa. 2 e Profa. 3.

O primeiro momento consistiu em observar as interações presentes no contexto da sala de aula, pois este é um espaço oportuno para a construção de parceria entre professores e alunos.

Lopes (2009) sugere que é por meio da mediação que o processo de ensino-aprendizagem poderá fluir. Neste sentido, no que concerne a postura, as três educadoras procuraram promover situações de respeito e afetividade, buscando ouvir e dar voz aos estudantes. Mostravam-se bastante preocupadas em ver se os alunos conseguiam compreender o conteúdo que estava sendo trabalhado.

Durante as observações, as turmas de modo geral mostraram-se inquietas, contudo, os alunos da profa. 2 pareciam mais calmos, atentos. Acreditamos que isso era reflexo da postura da professora que se colocava atenciosa e disposta a dialogar com as crianças, além de chegar junto de cada aluno e levar a aula com tranquilidade.

Na turma da profa. 1 percebemos que em alguns momentos as crianças apresentavam comportamentos agressivos entre si e para contornar a situação, solicitava a criança, com tal comportamento, que ficasse junto a ela e a ajudasse em alguma atividade. Procurando, dessa forma uma maneira de chegar junto e conversar.

Como ambas as turmas eram agitadas as professoras quando os alunos conversavam muito alto, utilizavam como tática, falar mais baixo para que percebessem que um diálogo funciona ainda melhor sem gritos.

As interações que eles faziam entre si nem sempre eram positivas, alguns gritavam com os colegas e outros utilizavam da violência. As professoras trabalhavam essa questão afetiva para que eles passassem a respeitar o amigo e a turma como um todo.

Durante entrevistas as professoras sugerem, em suas falas, que o comportamento agressivo, de algumas crianças, talvez possa está relacionado a alguma carência afetiva que essas crianças têm. Arantes (2003) afirma que as emoções influenciam nossas ações e que a relação afetiva é importante na maneira em que os seres humanos resolvem conflitos.

Assim, foi possível perceber a relevância da afetividade como ação propulsora de aprendizagem e boas interações sociais.

4.1 Concepções de afetividade

A afetividade se manifesta através das emoções e sentimentos e no indivíduo influencia diretamente suas interações sociais, contribuindo na aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Para Piaget (1977), o afeto tem papel fundamental no funcionamento da inteligência do homem, pois a vida afetiva e cognitiva são inseparáveis, embora distintas.

No que diz respeito a compreensão das professoras sobre afetividade:

Sem dúvida a afetividade permite o contato mais próximo possibilitando uma relação de confiança e trocas. (Profa. 3)

[...] essa questão da afetividade ela mexe muito com o ser humano em qualquer nível, assim, seja na questão de aprendizagem cognitiva e na questão de casa também, tudo influencia muito [...]. (Profa.1)

Desta forma as professoras demonstram reconhecer a importância das relações afetivas e o quanto elas podem interferir na qualidade de vida e desenvolvimento do ser humano e ainda deixam claro que essa afetividade dentro da escola necessita ser pautada em uma relação de confiança e de troca com os alunos, pois a afetividade se expressa a partir dos sentimentos e emoções.

Neste sentido a Profa. 1 traz: que nem todos conseguem demonstrar o sentimento da mesma forma, mas apenas com o olhar ela percebe o carinho e o afeto. E este olhar sensível que o educador tem é muito importante nesse processo de construção da confiança entre educador-estudante, pois a afetividade não se constrói apenas com beijos e abraços, mas no olhar, no ouvir e no diálogo.

Para Wallon (1995) a afetividade constitui um papel tão importante quanto a inteligência e é válvula propulsora de aprendizagem

[...] essencial para todo o funcionamento do nosso corpo nos dando coragem, motivação, interesse, e contribuindo para nosso desenvolvimento. E é pelas sensações que o afeto nos proporciona que sabemos quando algo é verdadeiro ou não. Principalmente para a criança o afeto é importantíssimo, pois ela precisa sentir-se segura para poder desenvolver seu aprendizado, e é necessário que o professor tenha consciência de como seus atos são extremamente significativos nesse processo, porque

essa relação aluno-professor é permeada de afeto, e as emoções são estruturantes da inteligência do indivíduo (WALLON, 1995 apud SILVEIRA, 2014).

Desta forma se o meio social em que a criança está inserida não lhe proporcionar situações afetivas poderá ocasionar um déficit no desenvolvimento dos sujeitos, não só emocional e social como cognitivo.

Quando a afetividade está presente nas práticas educativas do contexto da sala de aula, a aprendizagem é diferenciada. Souza e Santos (2008) trazem que:

[..] o professor ao estabelecer um clima de confiança e uma atitude de respeito com o aluno passa a ser um grande mediador das aprendizagens destes. Uma das fontes motivacionais do ensino e da aprendizagem está no vínculo estabelecido entre educador e educando. A afetividade é um fator que precisa ser fortalecido nas relações educacionais dentro e fora da escola. (p.4)

Assim se adotam metodologias alternativas que são condizentes com o perfil da turma e se buscam estabelecer um clima de confiança, respeito e carinho, o professor pode conseguir criar um vínculo com o aluno, utilizando da afetividade como um fator imprescindível para a aquisição de conhecimento.

4.2 A afetividade e o processo de aprendizagem

Quanto à relação afetividade e o processo de aprendizagem os dados apontam para uma convergência nas falas das professoras. As três relataram que existem dificuldades em construir relações positivas dentro da sala de aula, pois alguns alunos apresentam comportamentos agressivos e elas acreditam que esses comportamentos podem refletir negativamente no processo de aprendizagem. Vejam como responderam:

“Tudo a ver, porque a gente sabe que essa questão da afetividade mexe muito com o ser humano em qualquer nível, assim, seja na questão de aprendizagem cognitiva a na questão de casa também. Tudo influencia muito. A gente vê que esses meninos chegam à escola carente demais nessa questão afetiva, e como isso mexe com eles quando a gente transmite um pouquinho mais de atenção, de carinho, como eles se doam para a gente, é uma troca. Então, influencia sim, influencia muito, a gente vive muito isso, e os que não recebem a gente vê o tratamento aqui no lidar com os colegas e com a gente também. Cada um responde de uma forma. Tem uns que recebem e que a gente vê realmente a importância disso, porque chega na escola com afetividade muito boa muito e intensa, os que não recebem que chegam procurando, querendo ser acolhidos e ser abraçados nesse sentido e os que não recebem e porque não recebem tratam os outros também da mesma forma. O ser humano é muito diferente um do outro e responde essas questões de formas muito diferentes, mas aí

no miudinho da sala de aula a gente vê muito clara essa resistência.” (Profa. 1)

“Com certeza, eu acho que na sala de aula principalmente, eu acho que a afetividade está em tudo, em questão de aprendizagem. Eu tenho até um exemplo de um aluno meu, assim que logo no início, em fevereiro ele era bem agitado, agressivo, agressivo. E eu disse assim: Vou fazer o inverso com ele. Ele é tão agressivo, de bater, ele não espera que eu vou tratar ele com mais carinho, com mais amor. Até porque quando eu estive em reunião com a mãe dele eu consegui perceber essa questão de que ele é desprezado, que só falam com ele na base do grito e eu decidi fazer o contrário. E hoje ele já para, escuta mais é como se fosse mais dócil, mais amoroso, porque ele está sendo tratado assim. Então eu acho que tudo na questão da aprendizagem tem que ter a afetividade.” (Profa. 2)

Sabendo que o ser humano se constitui em sua relação com o outro. Podemos afirmar que mudanças na postura das educadoras como, um olhar sensível para as necessidades que o aluno traz o reconhecimento da importância de se estabelecer vínculos afetivos positivos, ou o modo como se organiza momentos que promovam práticas educativas permeadas de atenção, respeito e afeto, possibilitam uma aprendizagem significativa para as crianças.

Afinal é através das relações afetivas permeadas por um caminho dialógico que o professor consegue conquistar a confiança de seus alunos. Freire (1987) afirma que:

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (p. 91).

Quando o educador assume uma postura de mediador, ele exerce sua prática numa perspectiva afetiva e dialógica, articulando as experiências que os alunos trazem com os conteúdos trabalhados num sentido humanização do processo.

Assim ao reconhecer a importância do afeto como propulsor do desenvolvimento dos indivíduos, Caetano (2013) diz que:

[...] Dentre outros saberes o professor necessita saber que as crianças para alcançarem o desenvolvimento pleno de suas potencialidades necessitam estabelecer relações com pessoas capazes de conhecer e compreender sua subjetividade e características próprias de cada faixa etária. (p. 16)

O professor dialógico além de conhecer as características de cada faixa etária, precisa respeitar as emoções e conhecer quais são os interesses desses

alunos, levando em consideração o contexto social em que estão inseridos, para que assim ele possa planejar e promover práticas educativas prazerosas aos olhos dos estudantes.

4.3 O educador e as trocas afetivas: limites e possibilidades

A forma como a afetividade é expressa pelos alunos foi um aspecto muito citado nas entrevistas como um fator que gera dificuldades na promoção de uma postura afetiva pelo educador, segundo a Profa. 1:

“Um das dificuldades é justamente com essas crianças que não recebem esse carinho, essa afetividade em casa. Às vezes é difícil de aceitar também isso na escola [...] um aluno que começa a ficar muito em cima de você, porque ele precisa demais daquela atenção e às vezes é complicado, porque tem as outras crianças. Já vivi situação de ciúmes de um aluno se irritar porque o outro chega perto, então é complicado. Mas assim, são coisas que a gente precisa aprender a dividir e mostrar para eles também que a gente está ali, mas que sou sua professora, são seus colegas, são seus amigos, então a gente precisa estabelecer esse limite, a questão do respeito, porque às vezes confunde muitas coisas”.

Outro elemento a considerar é a relação dos alunos com a família. Esta relação é importante no processo de aprendizagem, pois a criança reflete em parte os valores, as características e atitudes do seu ambiente familiar. Souza (2009) ressalta a importância da família ao dizer que:

[...] a família é fundamental na formação de qualquer indivíduo, culturalmente, socialmente, como cidadão e como ser humano, visto que, todo mundo faz parte da mais velha das instituições que é a família. Porém, ao tratarmos da família relacionando-a com a escola, faz-se necessário um estudo sobre o panorama familiar atual, não esquecendo que a família através dos tempos vem passando por um profundo processo de transformação (p. 16).

Quando se tem uma estrutura familiar sólida e afetiva, o desempenho e a aprendizagem no ambiente escolar tende a acontecer de forma favorável ao aluno.

Dessen e Polonia (2007) falam que:

[...] Os laços afetivos, estruturados e consolidados tanto na escola como na família permitem que os indivíduos lidem com conflitos, aproximações e situações oriundas destes vínculos, aprendendo a resolver os problemas de maneira conjunta ou separada. (p.27).

Quando alguns alunos apresentam carência afetiva em suas relações sociais, eles procuram suprir na escola essa carência emocional e afetiva, e até chegam a confundir a relação professor-aluno. Pede atenção, carinho e até mesmo criam uma repulsa de outros alunos por achar que querem tomar o seu lugar na vida do professor.

Neste sentido, parece claro que o educador tem um papel fundamental nesse processo de aprendizagem. É importante que o docente tenha controle do quão afetivo pode ser, para que as crianças não confundam a relação professor-aluno, e a que níveis essa afetividade pode chegar. Para VYGOTSKY (apud REGO, 1995) ressalta a importância das interações sociais no contexto escolar:

As interações sociais (entre alunos e professores) no contexto escolar passam a ser entendidas como condição necessária para a produção de conhecimentos por parte dos alunos, particularmente aquelas que permitem o diálogo, a cooperação e troca de informações mútuas, o confronto de pontos de vista divergentes e que implicam na divisão de tarefas onde cada um tem uma responsabilidade que, somadas, resultarão no alcance de um objeto comum. Cabe, portanto, ao professor não somente permitir que elas ocorram como também promovê-las no cotidiano das salas de aula. (p.110)

Diante do que apresentamos, concluímos o quanto é importante à afetividade para a aprendizagem e para as relações interpessoais na sala de aula. Este estudo revelou que ensinar, dentre outras coisas, requer aprender a se educar emocionalmente, reconhecendo a afetividade em nós, percebendo-nos como um ser integral, passando a adotar uma postura pedagógica em que o processo educativo considere o desenvolvimento integral do professor e do aluno. É, portanto, pensar a sala de aula como um lugar de vivências e descobertas, de alegrias e tristezas e de construção de um vínculo genuíno que permita integrar o conhecimento racional, ético e amoroso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar como a afetividade influencia o processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental e na relação da dinâmica entre professor e aluno(s).

Durante o percurso buscamos compreender afetividade e como suas manifestações permeiam a vida das crianças, suas emoções e os seus sentimentos.

Compreendemos que afetividade e as emoções são conceitos distintos embora interligados. Descobrimos ainda que o afeto interfere de diferentes formas na vida do aluno e que este não se expressa apenas através de demonstrações de carinho, mas por meio de um olhar e de uma escuta sensível por parte do professor e de toda comunidade escolar.

A criança precisa de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem. A relação familiar constitui uma das bases juntamente com a escola responsável por esse suporte afetivo à criança.

Sendo a família um desses espaços norteadores onde são aprendidos valores e normas que influenciam tanto à formação do estudante como seus processos de socialização, a ausência desses vínculos afetivos ou o comprometimento dos mesmos na relação familiar, podem refletir nas relações que os indivíduos tentam estabelecer ao longo de sua vida social.

Percebemos durante esse estudo que os professores que buscam desenvolver relações de interação e possibilitam momentos de diálogo e aproximação, conseguem prender a atenção dos alunos e manter uma relação de respeito e confiança despertando o interesse na participação das aulas.

Tivemos a oportunidade de vivenciar nas observações o caso de um aluno específico que necessita de uma atenção especial justamente pela professora perceber a necessidade afetiva do aluno e como essa carência afetiva influencia em seu comportamento e aprendizagem.

Neste sentido, durante as observações pudemos perceber que quando utilizadas metodologias afetivas a postura do aluno é modificada, propiciando as crianças a terem uma melhor convivência com colegas e professores.

Assim, os dados do trabalho em questão apontam que a afetividade é importante para o processo de socialização, fator esse bastante significativo para o processo de ensino-aprendizagem, considerando que, quando uma criança tem dificuldade de socialização, ela poderá ter dificuldades na aprendizagem.

Apesar de conhecer e reconhecer a importância da afetividade, as professoras apontam as dificuldades que encontram em adotar essa postura, exatamente por ser algo que não deve se expressar apenas de sua parte, mas sim no contexto familiar e social da criança.

Diante disso, este estudo visa contribuir com a frente de pesquisas sobre afetividade nos processos de aprendizagem dos alunos a fim de saber como essa prática é realizada pelos educadores, pois como visto as emoções e os sentimentos dos alunos podem favorecer ou desfavorecer o desenvolvimento cognitivo deles.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. **A Emoção na Sala de Aula**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

ANDRÉ, M. D. A.; LÜDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ARANTES, V. A. (Org.) **A Afetividade na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus. 2003.

BOCK, A. M. **A Psicologia e as psicologias**. Digital Source: 1989. Disponível em: <<http://files.portfolioeducacional.webnode.pt/200000047a3b16a4aaf/A%20Psicologia%20e%20as%20Psicologias.pdf>>. Acesso em: 20 de março 2019.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S.K. Notas de campo. In BOGDAN R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução às teorias e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

CAETANO, Leandra de Aguiar. **A importância da afetividade docente para o desenvolvimento cognitivo de educandos das séries iniciais do ensino fundamental**. 2013. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

DANTAS, H.; OLIVEIRA, M. K.; LA TAILLE, Y. de. Piaget, Vygotsky, Wallon. **Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo, Summus, 1992.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da C. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia (Ribeirão Preto) Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, abr. 2007. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf> >. acesso em 25 abr. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**/Izabel Galvão. 4ª.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LEITE, S. A. da S.; TASSONI, E. C. M. Afetividade e Ensino. In E. T. Silva (Org.) **Alfabetização no Brasil** – questões e provocações da atualidade (pp. 113-137). Campinas: Autores Associados, 2004.

LEITE, S. A. da S.; TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. In.: AZZI, R. G. ; SADALLA, A. M. F. de A. (orgs). **Psicologia e Formação docente: desafios e conversas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, R. C. S. **A Relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem**. Paraná: Ponta Grossa 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>>. Acesso em: 18 Outubro de 2018.

MAHONEY, A. A. Introdução. In: **Henri Wallon** – Psicologia e educação. São Paulo: Loyola, 2000.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. (org) **Afetividade e processo ensino-aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. Psi. da Ed., São Paulo, 20, 1º sem. de 2005, pp. 11-30.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v.26/27, p.149-158, 1990/1991.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, M. K. de, O problema da afetividade em Vygotsky. In: DANTAS, H.; OLIVEIRA, M. K. de; LA TAILLE, Y. de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992. P. 75-84.

PIAGET, J. **Psicologia e Epistemologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1980.

PIAGET, J. **Psicologia da Inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVEIRA, E. A. **A importância da afetividade**. Disponível em:<<https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-da-afetividade-na-aprendizagem-escolar-o-afeto-na-relacao-aluno-professor>>. Acesso em 10 de junho. 2019.

SOUZA, K. S. M. de.; SANTOS, B. S. dos. **O papel do professor para o desenvolvimento afetivo-emocional do aluno**. In: III Mostra de Pesquisa da Pós-

Graduação da PUCRS, 2008, Porto Alegre. Anais da III Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação. Porto Alegre: EIPUCRS, 2008. p. 1-12.

SOUZA, M. E. do P. **Família/Escola: a importância dessa relação no desempenho escolar**. Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). Paraná. 2009.

VYGOTSKY. L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes. 2007.